



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS - INGLÊS

IGOR JOSÉ MOREIRA MACHADO

**TEORIA MIMÉTICA GIRARDIANA E TEORIA DA LITERATURA:
PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES**

São Luís

2022

**TEORIA MIMÉTICA GIRARDIANA E TEORIA DA LITERATURA:
PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de Letras
como requisito para obtenção do grau de
licenciatura em Letras – Inglês.
Orientador: Prof. Dr. Rafael Campos
Quevedo

São Luís

2022

IGOR JOSÉ MOREIRA MACHADO

**TEORIA MIMÉTICA GIRARDIANA E TEORIA DA LITERATURA:
PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do Grau de Licenciada em Letras – Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Campos Quevedo

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Campos Quevedo (Orientador)

Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Wandelson Silva de Miranda

Universidade Federal do Maranhão

Prof.a Ms. Gabriela Santana Oliveira

Instituto Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um dos sentimentos que mais abraçam no mundo, eu diria. É chegada com um aconchego e recheada de carinho, na forma mais pura ela se expressa. Meus agradecimentos vão primeiramente para aqueles que olharam para a educação como um caminho de amor: minha mãe Adelaide Moreira e meu pai José Machado, sem as suas orientações e cuidados, o caminho seria tortuoso.

Em seguida, expresso meu apreço a todos os amigos e exemplos que a Universidade Federal do Maranhão me proporcionou, combatemos o bom combate nas trincheiras em defesa de uma universidade pública, gratuita e de qualidade. Nossas vidas são uma ode a essa batalha e a vocês eu agradeço por estarmos ombreados.

Também meus irmãos da Ordem DeMolay que, ininterruptamente, me ensinaram sobre companheirismo, afeto e cortesia.

Continuamente, ao Grupo de Estudos Girardianos, lugar onde pude vislumbrar um caminho no universo literário da graduação, onde as nossas inquietações se misturavam com o prazer de aprender e desvendar um novo universo.

Aos meus amigos da vida do Colégio Santa Teresa, o tempo passa, mas o coração de menino travesso continua entre nós e, desse elo, jamais quero abrir mão.

Posteriormente, aos mestres e professores da graduação. Especialmente, ao professor Rafael Quevedo por todo cuidado e zelo, em acreditar em um projeto de iniciação científica e apoiar continuamente, é uma honra aprender com tanta sabedoria.

*Só se ama aquilo em que se requesta
alguma coisa de inacessível, só se ama o
que não se possui.*

*Marcel Proust. Em Busca do Tempo
Perdido.*

RESUMO:

Este trabalho de conclusão de curso é resultado de uma pesquisa desenvolvida no Grupo de Estudos Girardianos (certificado pelo CNPq e desenvolvido no Departamento de Letras da UFMA), que teve como objetivo discutir o tema do desejo mimético e sua influência na literatura, partindo de uma visão da teoria mimética formulada por René Girard. Até os dias atuais é possível perceber a permanência de valores românticos em frases como “amor à primeira vista” que ainda permeiam o imaginário popular. Os romances têm um papel primordial no mundo moderno de aceitar esse ideário ou figurar relações de forma menos mitificada, é o que faz a literatura romanesca no sentido em que Girard emprega o termo. Neste sentido, esta pesquisa se valeu das obras de René Girard, *Mentira romântica e verdade romanesca* (2009); *Dostoiévski: do duplo à unidade* (2010); *Shakespeare, teatro da inveja* (2010); *A violência e o sagrado* (2008); *A crítica no subsolo* (2011) para compreensão da teoria do desejo mimético e das obras de *Teoria da literatura: uma introdução* (2006) de Terry Eagleton e *A literatura em perigo* (2009) de Tzvetan Todorov para dialogar com o teórico francês Girard e compreender sua posição e de sua teoria no campo dos estudos literários. Para tal, nos valem da análise do romance *Memórias do Subsolo* (2000) de Fiódor Dostoiévski através de um recorte da teoria mimética. Muitas obras girardianas se interligam com várias áreas das ciências humanas, contudo, as contribuições de Girard à literatura não podem ser ignoradas pela crítica, razão pela qual buscamos instigar as reflexões sobre suas perspectivas. Portanto, esta pesquisa de cunho bibliográfico é um convite para a reflexão sobre o que entendemos sobre o desejo humano e sobre como as teorias literárias podem dar um passo mais adiante e aproximar a vida e a escrita.

Palavras-chave: Desejo mimético. Estudos Literários. Estruturalismo.

ABSTRACT:

This conclusion paper started its development in the Girardian Studies Group (certified by CNPq and developed at the Language Department of UFMA), which aimed to discuss the theme of mimetic desire and its influence in literature, based on mimetic theory formulated by René Girard. Even today it is possible to perceive the permanence of romantic values in phrases such as "love at first sight" that still permeate the popular imaginary. The novels have a primordial role in the modern world of accepting this ideology or figuring relationships in a less mythified way, which is what the romanesque literature does in the sense that Girard uses the term. In this sense, this research drew upon the works of René Girard, *Deceit, Desire and the Novel: Self and Other in Literary Structure* (2009); *Resurrection from the Underground: Feodor Dostoevsky* (2010); *A Theatre of Envy: William Shakespeare* (2010); *Violence and the Sacred* (2008); *Criticism underground* (2011) for understanding the theory of mimetic desire and the works of *Literary Theory: an introduction* (2006) by Terry Eagleton and *The literature in danger* (2009) by Tzvetan Todorov to dialogue with the French theorist Girard and understand his position and his theory in the field of literary studies. To do so, an analysis of the novel *Notes from the Underground* (2000) by Feodor Dostoevsky is made through the lens of mimetic theory. Many giradians works are interconnected with several areas of the human sciences; however, Girard's contributions to literature cannot be ignored by the critic, which is why we seek to instigate reflections on his perspectives. Therefore, this bibliographical research is an invitation to reflect on what we understand about human desire and how literary theories can take a step further and bring life and writing closer together.

Key-words: Mimetic desire. Literary Studies. Structuralism.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
2. A GÊNESE DO DESEJO MIMÉTICO	12
3. DIÁLOGO ENTRE TEORIA MIMÉTICA E TEORIA DA LITERATURA	16
4. O SUBSOLO QUE ILUMINA A LITERATURA	23
4.1 COBIÇA	24
4.2 HONRA E HUMILHAÇÃO	27
4.3 EU SOU SOZINHO E ELES SÃO TODOS.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

Os olhos vidrados em cada linha, a tensão pulsante no clímax da história, a inevitável curiosidade em descobrir os fatos que complementam aquele sentimento, a cada página uma nova descoberta: a literatura fascina e inspira através dos séculos. Por ser um objeto que cativa a humanidade, ela tornou-se um objeto de estudo ao longo do tempo. Deste modo, curiosos e cientistas buscavam a melhor definição para os gatilhos, prazeres e ensinamentos que a leitura despertava nos homens, até que, no raiar do século XX, mais precisamente na Rússia, um grupo de teóricos utilizam como base principalmente correntes linguísticas do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure e debruçam-se sobre o objetivo de produzir uma tese científica que deu início ao que conhecemos hoje como teoria da literatura. Essa linha de estudo desenvolve-se e, conseqüentemente, cada vez mais direciona-se a ganhar adeptos e estudiosos os quais analisam, refutam e contribuem com as correntes de pensamento que a compõem, tal qual um processo de construção.

O cenário evidenciado é analisado pelos estudos literários que Terry Eagleton propõe em *Teoria da Literatura – Uma introdução* (2006), portanto, vemos um quadro em que a literatura se afasta cada vez mais do que nos é comum enquanto sociedade: a vida; esta tese é apresentada pelo crítico literário Tzvetan Todorov em *A Literatura em Perigo* (2009). Para tal problemática nos vemos instigados a buscar soluções que equacionem a seguinte questão norteadora: como reaproximar a crítica, a escrita e o fazer literário de uma interpretação mais próxima do mundo, levando consigo os ganhos das correntes da teoria da literatura no século XX? A nossa inquietação ganha uma luz ao se deparar com os estudos de René Noël Théophile Girard e a tese que ele estabelece primeiramente em seu livro *Mentira Romântica e Verdade Romanesa* (2009), qual seja: o desejo humano é motivado pelo desejo do outro; ele esmiúça cada detalhe dessa máxima se valendo de obras literárias para explicar esse comportamento humano e como os autores utilizam de técnicas de escrita para evidenciar ou dissimular o desejo.

Portanto, com base nessas observações, este estudo propõe uma reflexão sobre os caminhos da crítica literária, utilizando como base principalmente os estudos estruturalistas, onde há uma noção dominante sobre a valorização da linguagem e seus significantes na obra literária, entendemos que essa corrente amplamente divulgada no século XX trouxe vários ganhos, segundo Eagleton (2006, p. 160), para análises menos

frouxamente subjetivas, contudo, há uma excessiva valorização desses aspectos, coadunando com o afastamento literário de questões caras para o ser humano.

No livro *Retratos da Leitura no Brasil* (2016), que promove uma ampla pesquisa sobre a preferência dos leitores no país, há uma evidente preferência pelos romances, ficando atrás apenas dos textos religiosos, que tem uma capilaridade e ampla divulgação consolidada no Brasil, isto demonstra a imensa capacidade desse gênero abarcar tópicos sensíveis da vida e, o qualifica como objeto para análise neste estudo.

O objetivo geral deste trabalho é, atentando para o aspecto teórico e histórico mencionado, compreender a “teoria mimética” que René Girard propõe e em como ela pode ser um elemento para enriquecer a crítica literária e reaproximar a literatura da vida, através de uma perspectiva do desejo humano. Considerando, então, para tal propósito, buscamos enquanto objetivos específicos: demonstrar sucintamente o funcionamento do desejo mimético, interpretar o romance enquanto gênero rico em possibilidades no universo romanesco estudado por Girard, explicitar algumas possibilidades de paralelo com a teoria da literatura e destrinchar aspectos de um romance para confirmar essa possibilidade de diálogo do desejo humano como elemento que auxilie a interpretação da obra.

Para compreensão da temática nos valem de uma pesquisa exploratória, entendendo que a indagação acerca dos caminhos que a crítica literária toma é saudável para o fazer científico e para o público leitor em geral. Os procedimentos teórico-metodológicos utilizados foram desenvolvidos de forma qualitativa, destacando: a investigação bibliográfica, na qual houve inicialmente leituras e fichamentos do referencial teórico da pesquisa, consultas bibliográficas e aprofundamentos de discussões e debates, além da participação em grupos de pesquisa, para que uma base sólida fosse obtida a respeito do assunto como referência para a pesquisa. Importante ressaltar a imprescindibilidade do Grupo de Estudos Girardianos da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) para o aprofundamento da temática através de indagações e dúvidas acerca do vasto universo mimético, o que muito contribuiu no entendimento e inspiração da temática.

Dito isto, este trabalho de monografia divide-se em três etapas que nortearão uma sequência de discussão do que propomos, quais sejam: o primeiro capítulo, que faz alusão ao que denominamos de gênese do desejo mimético, onde procura-se explicitar o início da teoria girardiana e como ele avalia os romances na condição de artefato para demonstração do seu pensamento, ressaltando a importância desse gênero literário para

toda literatura. A segunda etapa propõe um diálogo entre teoria mimética e teoria da literatura, valendo-se do estruturalismo enquanto vertente teórica para comparar com a tese de Tzvetan Todorov e elucidar a importância da proposição de Girard em olhar o desejo mimético como elemento central das tramas de um romance. Por fim, no terceiro capítulo elegemos um dos romances mais analisados por René Girard, *Memórias do Subsolo*, e discutimos a obra a partir de três aspectos para avaliar como é possível o desejo humano ser um norteador nas tramas e funcionamento da narrativa romanesca.

1. A GÊNESE DO DESEJO MIMÉTICO

Durante diversas passagens da história da humanidade nos deparamos com exemplos de curiosa coragem, os quais certamente não estão presentes constantemente no cotidiano. Que inabalável motivação é essa que leva um homem-bomba a dar sua vida em nome de uma causa maior ou que inacreditável senso de dever é esse que faz, no século XX, astronautas norte-americanos da nave *Apollo 1* entregarem suas vidas em uma arriscada missão espacial? Para René Noël Théophile Girard é o desejo humano que explica isso; em contrapartida, os mais entusiastas dos atos de heroísmo podem logo exaltar tais ações alegando que se trata de algo espontâneo da natureza humana. Contudo, tal visão não parece ser interessante neste trabalho e tampouco agradaria ao crítico francês conhecido como o “Darwin das ciências humanas”. É necessário enfatizar que o citado autor se valeu de várias expertises durante toda sua trajetória, o que é de certa forma admirável para o lapso de momento que denominamos de vida, portanto, é de suma importância ressaltar que seu trabalho não se resume a um campo estritamente literário, mas inclui diversas áreas das ciências humanas: sociologia, antropologia, filologia, entre outras. Cabe a este presente trabalho investigar não todas, o que não diminui a importância de sua vasta pesquisa, mas as nuances e pressupostos da “Teoria do Desejo Mimético”, a qual é baseada no conceito de *mimesis*¹.

Em seu primeiro livro *Mentira romântica e verdade romanesca* (2009) sua teoria é exposta minuciosamente baseada em obras de diversos autores como Cervantes, Flaubert, Proust, Dostoiévski e outros. A teoria pressupõe que desejamos a partir do desejo do outro, ou seja, nossos desejos são provocados pelo desejo de alguém, sendo essa pessoa um modelo. Nasce, então, uma relação triangular composta pelo sujeito desejanter, pelo mediador e pelo objeto/sujeito desejado, sendo possível a existência de dois tipos de mediação: a externa e a interna.

Na primeira o sujeito deseja partir de um mediador inalcançável, já a segunda, a que o autor dá mais atenção, está na base de diversos níveis da conduta humana, tais como ódio, vaidade e a rivalidade. Diante do exposto, o autor percebe na sua formulação uma questão curiosa, ele se vale da literatura (romances, no caso) para compreender que tal

¹ Temos dois tipos de mimesis no pensamento girardiano segundo Michael Kirwan: “Uma vez que a mimesis leva a uma convergência de desejo sobre o mesmo objeto – como crianças disputando um brinquedo -, o resultado será com frequência a rivalidade e possivelmente um conflito aberto”. O desejo de posse de objetos é designado mimesis de apropriação. Quando o desejo é dirigido a algo menos específico, que vai além dos objetos, a um estado quase transcendente de bem-estar ou satisfação, é denominado desejo “metafísico”. (KIRWAN, 2015, p. 48)

relação triangular aparece de forma mais clara em obras que Girard chama de *romanescas* do que nas que ele classifica como *românticas* por apresentarem uma noção falseada do desejo, isto é, sem a influência de um mediador, ao passo que naquelas, as *romanescas*, o esquema triangular do funcionamento do desejo é mais perceptível. A teoria do desejo mimético, em um primeiro momento, contraria a visão comum segundo a qual o desejo existe como algo que vem do próprio sujeito, tal como a paixão, por exemplo, que surgiria como uma explosão de sentimentos, a ponto de não se ter explicação para o fato de uma pessoa desejar aquilo ou alguém, o que é comumente chamado de espontaneidade. Todavia, “espontaneidade não existe” (GIRARD, 2009, p.39), pois, “Somente os romancistas revelam a natureza imitativa do desejo. Essa natureza é difícil de se perceber em nossos dias pois a mais fervorosa imitação é a mais vigorosamente negada” (GIRARD, 2009, p. 38). Isso se explica pelo fato de o mito romântico da espontaneidade ainda imperar sobre as mentes dos leitores e ser dissimulado por grande parte de autores. Poucos são aqueles que entendem esse mecanismo e o demonstram em sua forma plena ou o mais próximo possível.

Importante frisar que, ao tentarmos analisar a teoria mimética de René Girard, não estamos falando de uma teoria literária que visa entender os pressupostos, estrutura e/ou caráter histórico de uma obra literária, mas que usa delas como exemplos de perfeito ou imperfeito funcionamento dessa engrenagem humana chamada desejo, que por si só e por sua magnitude arrasta diversos temas sensíveis à literatura. Cabe a nós traçarmos paralelos e desvendarmos o instigante universo mimético e o seu papel literário, como a teoria mimética pode nos auxiliar enquanto analistas da literatura. Ora, para Eagleton (2006) “O Dom Quixote não é uma obra ‘sobre’ o personagem do mesmo nome: o personagem é apenas um artifício para se reunirem diferentes tipos de técnicas narrativas” e para Girard (2009) “No romance de Cervantes, Dom Quixote é a vítima exemplar do desejo triangular”, isto é, percebe-se aqui dois tratamentos sobre o mesmo assunto, mas com focos diferentes de análise, mostrando assim que apesar da teoria girardiana não ser uma teoria literária, contribui para esse campo.

Se o romance é o lugar da maior verdade existencial e social do século XIX, é porque ele é o único que se volta para as regiões da existência onde se refugia a energia espiritual [...] O idealismo solipsista e o positivismo não querem saber de nada a não ser do indivíduo solitário e da coletividade; essas duas abstrações são certamente lisonjeiras do Eu que quer tudo abarcar, mas uma e outra são igualmente vazias. O romancista, exclusivamente, na medida exata em que ele reconhece sua própria servidão, tateia o caminho rumo ao concreto, isto é, rumo a este diálogo hostil entre o *Eu* e o *Outro* (GIRARD, 2009, p.138-139).

Antes de enveredarmos em outros aspectos da teoria de Girard é necessário salientar a sua fiel e dura crítica à modernidade. Como vimos na citação destacada, o autor faz referência ao idealismo solipsista e ao positivismo, correntes que passam pelo século XIX e início do século XX com bases na noção de que o mundo comum ao eu e ao outro é renegado, por isso se vale dos romances e suas narrativas para explicar alguns pontos de sua tese.

Girard usa como referência os romancistas que expõem o mecanismo do desejo mimético e é essa dependência presente nas obras romanescas que o fascina. O romancista moderno não esconde a necessidade de um modelo, um espelho no qual quer se refletir. A rainha malvada de Branca de Neve, ao questionar o espelho mágico sobre se existia alguém mais bela que ela na face da terra, não chega próximo do reflexo que vem do sujeito desejante romanescos ao ver seu mediador, este é um reflexo do que ele busca ser: “O prestígio do mediador se comunica ao objeto desejado e confere a este último um valor ilusório. O desejo triangular transfigura seu objeto” (GIRARD, 2009, p.40), ou seja: “O objeto constitui-se apenas num meio de alcançar o mediador” (GIRARD, 2009, p. 77) e é nesta metamorfose que podemos discutir o dito desejo *metafísico*, que se difere de uma mimesis de apropriação, em querer se ter não apenas algo que o outro deseja, mas sim de um desejo que vai além do material, tal como se vê no espelho, e odiar a própria imagem desejando que ali apareça o *Outro*². Para tal, é necessário entender o papel do romance, tendo em vista que é através dele que Girard extrai o mecanismo do desejo mimético:

O desenvolvimento do romance é feito de ciclos e, por isso, não pode ser analisado como uma linha reta crescente, mas como um processo de movimentos circulares, dotado de rupturas e ascensões, de retrações e expansões, vinculadas ao curso da história. O romance, em seu processo evolutivo, tem como base a concepção do homem e do mundo – e é na busca por compreendê-los que o gênero procura representá-los e questioná-los (MELO, 2010, p. 69)

Este gênero literário carrega uma multiplicidade de fatores psicológicos, discursivos e individuais que o qualificam como um marco da sociedade moderna. Todo romance influencia e é influenciado. À luz de Girard, tal definição, em um primeiro momento, não parece dialogar com seus estudos, mas considerando a subjetividade que o autor trabalha sobre temas relativos ao desejo, é importante perceber, para não

² Girard utiliza este termo corriqueiramente para se referir ao mediador do triângulo mimético, isto é, aquele que influencia o sujeito a desejar algo ou alguém. Este e outros termos são relatados ao longo de todas as obras de Girard, servem para nos lembrar que a engrenagem principal da sua teoria é o desejo e os “outros” são peças importantes para explicação do fluxo do desejo humano.

cairmos em armadilhas, o que Girard chama de “causa universal”, que é, justamente, o significado do desejo metafísico:

Para conquistar esse significado metafísico, tem que ultrapassar os casos particulares e abarcar a totalidade. [...] Por trás de todas as doutrinas ocidentais que se sucedem há dois ou três séculos, encontra-se sempre o mesmo princípio: Deus está morto, cabe ao homem tomar o seu lugar. A tentação do orgulho é eterna, mas ela se torna irresistível na época moderna. (GIRARD, 2009, p. 79 – 81)

É imprescindível, ao ler um romance, não se deixar enganar pelos sentimentos que o herói expõe ao tentar explicar suas paixões, ciúmes, desejos, vaidades; a causa é uma só: ele só deseja a partir do que o *Outro* deseja. O mecanismo de explicação que Girard articula as obras romanescas é, de fato, uma causa universal, esta que tem seu início com a fase moderna, quando a religião perde sua “eficiência” em ditar as regras dos sentimentos de culpa do homem deixando a ele o controle sobre suas decisões. Isso não significa o triunfo da espontaneidade ou a perda de um modelo que se segue, mas que o próprio homem torna-se modelo para outros homens e isso é essencial na concepção de romance de Girard, entendendo que “É na mediação interna que está a verdade profunda do moderno” (GIRARD, 2009, p.118), onde “Os romances se esclarecem uns aos outros e é dos romances que a crítica deveria emprestar seus métodos, seus conceitos e até o sentido de seu esforço” (GIRARD, 2009, p. 70). Tais considerações evidenciam o papel importante do romanesco enquanto objeto de estudo. Somente um gênero que abarca diversos outros gêneros e tem diversas formas de representar o espaço, tempo, narrativa, consegue abraçar as engrenagens miméticas enquanto arquétipo representativo. Não o único, mas o mais importante na representatividade mimética.

Girard traz em sua obra *Dostoiévski: do duplo à unidade* uma análise minuciosa sobre as obras do escritor russo Fiódor Dostoiévski que é para o próprio “[...] o estágio supremo da mediação interna. [...] Em Dostoiévski não há mais amor sem ciúme, amizade sem inveja, atração sem repulsão” (2009). Se fossemos elencar obras com maior nível de desejo mimético, segundo Girard, o russo só ficaria atrás do eterno William Shakespeare, ao passo que o crítico francês também reservou uma obra exclusiva para análise de poemas, peças teatrais e outros excertos do inglês: *Shakespeare: teatro da inveja*, contudo, nos interessa o mecanismo no romance, já que nele Girard se debruça sobre sentidos ditos modernos.

2. DIÁLOGO ENTRE TEORIA MIMÉTICA E TEORIA DA LITERATURA

A tese segundo a qual a literatura não mantém ligação significativa com o mundo, e que, por conseguinte, sua apreciação não deve levar em conta o que ela nos diz do mundo, não é uma invenção dos professores de Letras atuais nem uma contribuição original dos estruturalistas. Essa tese tem uma história longa e complexa, paralela ao advento da modernidade. (TODOROV, 2009, p. 45)

De acordo com Eagleton (2006), o estruturalismo literário floresceu na década de 1960 com o interesse de aplicar à literatura os métodos e interpretações do fundador da linguística estrutural moderna, Ferdinand de Saussure. Na ocasião, argumentava-se sobre a necessidade de entender os significantes e suas diferenças, promovendo a partir desse conceito modelos de análise literária. “Como Freud, ele mostra a verdade chocante de que até mesmo nossa experiência mais íntima é efeito de uma estrutura.” (EAGLETON, 2006, p. 176). Não é do nosso interesse discutir todas as concepções e pressupostos do estruturalismo literário, mas que ele nos ajude com suas análises e/ou contradições a entender e elucidar uma teoria mimética de René Girard e onde ele se encontra na literatura. Essa corrente crítica observa as significações e as põe como ponto central da análise, importando a percepção dos elementos centrais e periféricos de uma narrativa de um modo que os leve a um método semelhante para analisar cada história: Eagleton (2006, p.144) “as relações entre os vários tópicos da história podem ser de paralelismo, oposição, inversão, equivalência etc. e, desde que essa estrutura de relações internas permaneça intacta, as unidades individuais são substituíveis.”

Tzvetan Todorov em uma reunião de artigos publicados de sua autoria *As estruturas narrativas* (1970) nos esclarece sobre o papel do estruturalismo da seguinte maneira:

Não se satisfaz com uma pura descrição da obra, nem com sua interpretação em termos psicológicos ou sociológicos, ou mesmo filosóficos. Em outros termos, a análise estrutural da literatura coincide (em grandes linhas) com a teoria da literatura, com a poética. Seu objeto é o discurso literário mais do que as obras literárias, a literatura virtual mais do que a literatura real. (TODOROV, 1970, p.79)

Essa afirmação ilumina o paralelo teórico que buscamos demonstrar neste trabalho, a ideia de uma “literatura virtual” em detrimento de uma “literatura real” é justamente um dos principais motivos que ocasionaram um afastamento da literatura com a vida.

As leituras girardianas dos romances modernos apresentam um repertório eclético de instrumentais analíticos, seja enveredando por questões biográficas, tal como

na obra *Dostoiévski: do duplo à unidade*, (procedimento esse mal visto pelo formalismo russo), seja se valendo de abordagens mais textuais, ao analisar a fundo o papel do mediador enquanto obstáculo nas obras romanescas, tal como Todorov (1970) o faz ao perceber as intrigas na obra *Deccameron* de Boccaccio.

Em qualquer abordagem, o objeto central certamente será a máxima do desejo mimético, mas o que ele ocasiona? Quais os conflitos decorrentes da rivalidade produzida pela “selvageria” de odiar e/ou amar um modelo? Não seria tudo fruto de algo mais simples, o ciúme, por exemplo? Com certeza essas questões passam pela cabeça de qualquer leitor da obra do francês e, inclusive, é justo e necessário que questione tais pontos. Na introdução da obra *Dostoiévski: do duplo à unidade*, João Cezar de Castro Rocha afirma como o pensador francês reconhece com lhanza que provavelmente não obteve êxito na tarefa de apresentar de modo convincente, definitivo, as evidências relativas ao desejo mimético e suas consequências violentas, ao evidenciar uma fala de Girard em entrevista concedida, portanto, é importante sublinhar as mais diversas formas de mediação e adentrar no triângulo mimético. Contudo, percebe-se um “afastamento” do literário com o mundo, não por ocasião de movimentos estruturalistas, todavia, como dissemos anteriormente, é o advento da modernidade. Todorov, que ajudou em determinado momento o estruturalismo com suas teses, revê o seu entendimento do estudo da teoria da literatura e quais caminhos essa noção de literatura virtual tomou:

“A função da literatura é criar, partindo do material bruto da existência real, um mundo novo que será mais maravilhoso, mais durável e mais verdadeiro do que o mundo visto pelos olhos do vulgo.” Ora, criar um mundo mais verdadeiro implica que a arte não rompe sua relação com o mundo. É apenas no começo do século XX que se produz a ruptura decisiva. Ela se deve, por um lado, ao impacto das teses radicais de Nietzsche, que questionam a própria existência tanto dos fatos independentes de suas interpretações quanto a da verdade, qualquer que ela seja. (TODOROV, 2012, p. 66)

Essa ruptura decisiva avança pelo século XX e atinge os movimentos formalistas e estruturalistas. Há então um profundo estudo da linguagem como forma composicional de uma obra literária, onde a mesma é explicada por estruturas significantes, o que, em um primeiro momento, ajuda a evitar situações de excessivo impressionismo interpretativo de um romance. Eagleton elucida essa questão:

Para o estruturalismo toda obra literária, ao descrever aparentemente uma realidade externa, está secretamente olhando de soslaio para seus próprios processos de construção. Em última análise, o estruturalismo não só repensa tudo, desta vez como linguagem, mas o faz como se a linguagem fosse seu tema. (EAGLETON, 2006, p. 158)

De acordo com Souza (2007) o estruturalismo não constitui apenas uma corrente da teoria da literatura, mas trata-se de uma atitude metodológica presente em diversas disciplinas e orientações do pensamento contemporâneo, isto é, a sua noção de priorizar a forma e os significantes em detrimento de qualquer conteúdo estava, de certo modo, presente em diversas áreas das ciências humanas, permeando a formação crítica ou literária dos estudiosos da corrente estrutural, tal como percebemos em um dos maiores representantes dessa corrente, o francês Roland Barthes. Olhemos para como o autor avalia o entendimento do aspecto narrativo na obra *Introdução à análise estrutural da narrativa* (1966) onde apresenta uma reflexão sobre o papel do narrador no romance, afirmando: “os efeitos que a narração produz sobre o leitor; é o de descrever o código através do qual o narrador e o leitor são significados no decorrer da própria narrativa” (BARTHES, 1966, p. 49). Certamente esta afirmação pode ser considerada uma verdade na análise da função conativa de comunicação, entendendo a influência dos efeitos narrativos, mas limita-se a compreender outras questões da literatura real, onde esta produz efeitos bem mais aprofundados no leitor, longe de uma análise puramente textual de uma literatura virtual, o leitor não apenas descreve um código através do qual é significado, como diz Barthes, mas vai além disso. Desta feita, percebemos então a forma como René Girard analisa os amantes adúlteros de *A divina comédia* – a proposta de uma análise literária onde tem o desejo como ponto central – os amantes beijam-se após lerem juntos a descrição narrativa do beijo de Lancelote com a rainha Guinevere (mulher de Arthur e amigo de Lancelote) e são impulsionados a agirem de maneira análoga “é um espelho no qual eles se contemplam para se descobrirem semelhantes a seus brilhantes modelos” (GIRARD, 2011, p.216) a descrição narrativa é percebida aqui como um modelo, longe de uma noção imanentista³:

O leitor romântico e individualista não percebe o papel da imitação livresca precisamente porque ele também tem fé na paixão absoluta. Chamem a atenção desse leitor para o livro e ele irá responder que se trata de um detalhe sem importância (GIRARD, 2011, p. 216)

Para tal, o diálogo entre Teoria Literária e a maneira como Girard analisa os romances é essencial não para o leitor que se propõe a entender sobre a forma como *Madame Bovary* de Flaubert⁴ age com sua concepção do amor, mas sim para o

³ Uma leitura imanente do texto literário tem como objetivo apreender o modo particular como em cada obra é utilizada a linguagem, privilegiando o objeto literário em si, isto é, não o seu autor ou seu contexto.

⁴ O exemplo de *Madame Bovary* é emblemático pelo fato de que Girard observa no romance um tipo de mediação externa, onde os delírios apaixonados da famosa esposa são fortemente influenciados pelos

estudioso literário que busca compreender como o desejo mimético é um mecanismo que pode aproximar a literatura da vida. Essa aproximação não é por acaso, a leitura de Girard sobre a modernidade, a sua gana em comprovar o funcionamento da teoria mimética lhe entrega atributos e análises as quais indicam esse caminho. E, provavelmente, não há diálogo melhor entre o que Girard critica elucidativamente em suas obras: a modernidade enquanto era que carrega uma multiplicidade de conceitos e autores onde dissimulam as reais engrenagens do desejo, seja na literatura ou na antropologia, concomitantemente, à trajetória de percepção literária de Tzvetan Todorov, qual seja, um estruturalista que ajudou a firmar o movimento na Europa, mas que depois revisa sua visão e critica certas percepções estruturais, levando em consideração os ganhos dessa corrente, mas que também afastam justamente a noção de literatura do que nos é mais caro em um processo de leitura: “nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (TODOROV, 2009, p. 76).

Sabemos então que há uma ruptura que traz uma concepção de que a literatura e a arte não tem ligação com valores e sentimentos do mundo e, também, que há correntes de teóricos literários que alimentam essa concepção com uma visão de que a estrutura dos textos é o que mais importa e, por ela, é possível explicar todos os pormenores de uma obra literária. René Girard é enfático ao afirmar as limitações do estruturalismo no entendimento de alguns mecanismos do romance:

O estruturalismo simplesmente não vê, e não poder ver, a ruptura dostoiévskiana ou camusiana, pois essa ruptura não corresponde a nenhuma modificação propriamente estrutural [...] Não é surpreendente perceber que o estruturalismo e a crítica moderna são, em geral, poucos sensíveis à temível simplicidade dos grandes efeitos literários cômicos ou trágicos. (GIRARD, 2011, p.19)

Fica clara a possibilidade de diálogo da crítica que o ex-estruturalista Tzvetan Todorov faz com a vasta pesquisa de René Girard: a literatura se afasta da vida, ademais, o desejo humano reaproxima os críticos, escritores e leitores da “realidade” do sentir humano. As análises de uma Teoria do Desejo Mimético constroem essa ponte rumo aos mecanismos da mediação, a linguagem que o estruturalismo defende também faz parte dessa análise, ela é, sobretudo, essencial nesse processo, ao procurarmos compreender como os personagens de Dostoiévski estão no subsolo e quais relações levaram o escritor a chegar à densidade das relações de suas obras, é para os

livros e contos de amores intensos, despertando nela o ímpeto da traição, sendo essas histórias e seus respectivos heróis, os mediadores do desejo.

significantes e suas diferenças que também olhamos, mas isso, por si só, não explica o que está presente em toda literatura romanesca: a estrutura do desejo.

As mais diversas formas do desejo triangular se organizam, pois, em uma estrutura universal. Não há um só aspecto num romancista qualquer que não possa ser relacionado com outros aspectos de sua obra e com todas as outras. O desejo aparece, assim, como uma estrutura dinâmica que se estende de um extremo ao outro da literatura romanesca. (GIRARD, 2009, p.121)

O estudo do desejo oferece ao formalismo e ao estruturalismo elementos que os enriquecem, isto é, uma visão para além de um sistema de regras, entregando, portanto, não somente algo além de uma leitura cerrada (immanentista) do texto, mas também um rico universo de explicações e entendimento das relações humanas que permeiam diversas obras. Quando em *Eterno Marido* (2001), Aleksei Ivánovitch e Pável Pávlovitch beijam-se, é intrigante pensar quais questões levaram um homem a beijar o rapaz que se apossara da sua esposa anos antes. Pode-se logo elucidar que é algo fácil de compreender, pois a questão da atração sexual pelo mesmo sexo atravessa os anos, o que é, de fato, verdade, mas a explicação ainda não demonstra todas as engrenagens. À luz de Girard observamos algo a mais: o impulsivo desejo do sujeito desejanter para com o *Outro*, uma força que busca assimilar tudo que o mediador é, o ato do beijo não é puramente sexual, é uma busca desesperada de ser o *Outro*: “À medida que cresce o papel do metafísico no desejo, o papel do físico decresce. Quanto mais o mediador se aproxima, mais a paixão se intensifica e mais o objeto se esvazia de qualquer valor concreto” (GIRARD, 2009, p.111), portanto, não é sobre o corpo, mas sobre como o desejo metafísico influi nas camadas mais profundas da mediação interna. Tal como acontece nessa obra de Dostoiévski, o herói tenta com seus lábios tomar tudo o que aquele amante representa, e isto, o desejo humano explica com maestria. As obras literárias têm suas diferenças nos níveis de aprofundamento da mediação interna, mas a *mimesis* abarca todas as que propõem expor esta conduta.

Segundo Girard (2009), o século XIX está recheado de sentimentos modernos e pela necessidade de imitação, se valendo da literatura de Stendhal e Marcel Proust, o autor nos elucidava conceitos e pontos-chaves da sua teoria: a vaidade, o esnobismo, o ódio e outros sentimentos, estão todos interligados com a força motriz que move as relações romanescas, essa vasta gama de conceituações e pormenores ao longo de toda biografia de René Girard diminuem as desconfianças sobre o que é questionável em suas afirmações, cerca de dez anos após o primeiro livro *Mentira Romântica e Verdade Romanesca*, Girard (1972, p. 184) reafirma em *Violência e o Sagrado*: “o desejo é

essencialmente mimético, ele imita exatamente um desejo modelo; ele elege o mesmo objeto que este modelo”. Nesse livro, com um enfoque antropológico e visões filosóficas, também usa da literatura para afirmar o que acredita influenciar as mais variadas formas de organização social.

O certo é que o legado das correntes literárias e a própria literatura foi e está sendo posta em revisão por entender que, a partir de um determinado momento, nos distanciamos desses mecanismos das relações humanas. Estamos postos em um mundo em que somos influenciados diretamente por relações afetivas, formas de organização social e somos resultado de uma história, ou seja, é algo praticamente impossível ao ser humano produzir uma literatura que não tenha traços ou até mesmo como objeto principal a própria vida. Dito isto, a revisão que Todorov faz da contribuição do estruturalismo é admirável, pois compreende como essas questões influenciam demasiadamente na experiência da leitura de várias pessoas. Parte dos críticos literários fecham-se em “bolhas” institucionais, onde o objetivo é um agradar a escrita do outro, afastando-se cada vez mais de compreender o desejo metafísico, por exemplo.

De um lado, o sucesso comercial; do outro, as qualidades puramente artísticas. Tudo se passa como se a incompatibilidade entre as duas fosse evidente por si só, a ponto de a acolhida favorável reservada a um livro por um grande número de leitores tornar-se o sinal de seu fracasso no plano da arte, o que provoca o desprezo ou o silêncio da crítica. Parece findar-se assim a época em que a literatura sabia encarnar um equilíbrio sutil entre a representação do mundo comum e a perfeição da construção romanesca. (TODOROV, 2012, p. 67)

Para Todorov havia um equilíbrio posto no mundo literário que foi desfeito no início do século XX, e assim veio cada vez mais forte uma visão imanentista, onde a “forma” do texto era um elemento essencial e outras questões fora dele eram “distrações”, todavia, o caminho tomado não foi positivo, portanto, a proposta literária que Girard insiste, de observarmos o desejo humano, é um bom ponto de partida nesse alvorecer do século XXI. As relações de rivalidades, ciúmes e ódio, são partícipes da história desde os primórdios, não olhar para o *Outro*, como participante indispensável das tramas miméticas é um erro para Girard, pois ele é um elemento construtivo na trama de um romance, uma análise estruturalista consideraria questões de caráter composicional de uma obra, mas não consegue vislumbrar essa questão.

Desta maneira, as rivalidades⁵, os duplos e outros mecanismos de que a literatura se serve são indissociáveis a tudo que reflete a humanidade, seja em organizações políticas radicais ou em simples namoro às sextas-feiras no banco da universidade, lá estará o desejo humano, não apenas o desejo carnal de posse, mas suas mais diversas variações e influências de assimilação do mediador. Não por acaso ultrapassa o plano físico:

Depois de terem se identificado com o herói de maior desejo, os leitores românticos se identificam, nos dias de hoje, com o herói do menor desejo. Eles se identificam ainda docilmente com os heróis que oferecem enquanto modelos de sua paixão pela autonomia. Dom Quixote, instigado pela mesma paixão, se identificava com Amadis de Gaula. A mitologia que alimenta a ficção contemporânea corresponde a um estágio novo do desejo metafísico. Pensamos ser antirromânticos porque repudiamos terminantemente os romantismos anteriores. Nós nos assemelhamos a estes amigos de Dom Quixote que insistem em querer curar o infeliz de sua loucura, porque eles próprios são vítimas dessa demência de forma mais grave. (GIRARD, 2009, p.303)

O mito da autonomia é como a miopia que chega para o adolescente, este pensa que sempre enxergou o mundo como ele é, com suas cores, céu vibrante e embaçado ao longe. Contudo, quando descobre o poder de uma lente que seja adaptável à sua retina, percebe como tudo era não uma mentira, mas uma história incompleta; ao contemplarmos como o estruturalismo e o formalismo tiveram avanços, observamos uma parte importante do todo, mas o desejo mimético seria como os óculos que permitem à crítica literária observar certos pormenores que vão além da forma ou linguagem. Ser antirromântico, tal como diz Girard, é hesitar em dar um passo a frente em direção ao leque de possibilidades que o desejo mimético nos oferece, ou seja, uma visão literária onde há uma reciprocidade entre o público leitor, o escritor e o ambiente que os rodeia, constrói uma relação com condições importantes para uma análise crítica de crônicas, romances, poemas e todo universo da literatura.

⁵ Sob o efeito da rivalidade violenta, qualquer modelo, na verdade, deverá cedo ou tarde transmutar-se em antimodelo. Em vez de parecer, trata-se agora de diferenciar-se; todos querem romper a reciprocidade, e a reciprocidade se perpetua numa forma invertida. Dois pedestres percebem avançar um em direção ao outro. Eles querem se evitar cada qual tomando a direção oposta à que veem o outro tomar. O face a face se reproduz... Qualquer exemplo tão simples quanto este irá necessariamente se vincular a um domínio no qual o investimento do desejo é quase nulo. Consequentemente, ele irá sugerir mal a dissimulação do mecanismo, sua tenacidade, seu poder de difusão e contaminação. (GIRARD, 2011, p.15)

3. O SUBSOLO QUE ILUMINA A LITERATURA

“Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo” (BÍBLIA, Êxodo, 20, 17). O décimo mandamento é o último de um conjunto de condutas estabelecidas como base moral do cristianismo, islamismo e judaísmo. Essas religiões ditam o comportamento de boa parte dos grupos sociais ao redor do mundo. Compreender o papel da religião também joga luz no que chamaremos de subsolo da literatura.

Luís da Câmara Cascudo, antropólogo e etnógrafo brasileiro, em seu livro *Civilização e Cultura — Pesquisas e Notas de Etnografia Geral*, concluído em 1962 — um ano depois da obra *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* de René Girard — nos apresenta com uma conceituação que o autor denomina de instinto aquisitivo: “é a vontade de possuir, vontade inata, imediata, absoluta em todos os seres humanos e em qualquer situação da história do mundo. Não depende o movimento de cobiça da possível utilidade do objeto alvejado” (CASCUDO, 2016, p. 181). Ao olharmos para a conduta religiosa que é apresentada no livro de *Êxodos*, conseguimos entender que o desejo de possuir algo ou alguém caminha pela humanidade através dos séculos. As referidas religiões, ao colocarem regras na conduta humana de querer alguma coisa, declaram de maneira eloquente a incapacidade do homem em lidar com esse mecanismo que, muitas vezes, o corrói por dentro. Esse “instinto aquisitivo” não é observado apenas na Europa ou apenas por um autor, é compreendido por várias pessoas, seja no conhecimento popular, espalhado oralmente em conversas, simpósios, bares e lanchonetes, assim como no ambiente acadêmico, em que pesquisadores, professores e autores renomados também citam, em suas palavras, uma espécie de instinto pulsante da vontade humana. Desse modo, tal como vimos anteriormente, o desejo humano provoca consequências nas interações entre pessoas.

No caso das mediações internas - onde os conflitos são mais acirrados — assinalamos a noção de “subsolo”, termo tomado da obra de Dostoiévski e de que Girard se vale para exemplificar a sua teoria. Trata-se do mais alto grau do “desejo metafísico” (quando o desejo se inclina para o “ser” do outro, ou seja, mais do que “ter” os objetos que o outro possui) que leva suas vítimas para uma profunda crise da rivalidade, resultando na cobiça, egoísmo, humilhação e outros sentimentos, como analisaremos mais a frente. Dizer que o subsolo ilumina a literatura é constatar que

“essas ilusões encontram sua forma de expressão mais adequada. Logo, revelar a verdade do romancista é revelar a mentira de nossa própria literatura e vice-versa” (GIRARD, 2009, p.300),

Na nossa tarefa de analisar a tese de Tzvetan Todorov, em que expõe as nuances do afastamento literário com o mundo, precisamos buscar no desejo mimético e suas resultantes um caminho para iluminar o que muitos amam e analisam. Não nos cabe falar apenas de personagens apaixonados ou heróis de um roteiro já conhecido, mas, sobretudo, valorizar esses escritos e cavar mais fundo rumo a aspectos que comprovem os elementos poderosos da *mimesis*.

3.1 COBIÇA

René Girard reserva algumas páginas de *Dostoievski: do duplo à unidade* à análise de aspectos do romance *Memórias do Subsolo*: “Há, no fundo da metamorfose da arte dostoiévskiana, uma verdadeira conversão psicológica da qual as Memórias do Subsolo permitirão que destaquemos novos aspectos” (GIRARD, 2011, p. 46). Tal obra se encaixa como ótima representante da literatura romanesca e carrega trechos de rica expressividade de um dos pontos do desejo humano: a cobiça.

Do latim *cupiditas*, a cobiça representa o desejo intenso de conseguir algo com obstinação. Esse sentimento que dilacera o peito de homens e mulheres é dono de uma representatividade singular, pois comporta uma carga semântica de intensa busca por alguma coisa, isto é de suma importância no que concerne ao papel da literatura como representante de uma corrente de pensamento que seja sensível à interpretação das qualidades, defeitos, percepções que as correntes literárias do século XX muitas vezes negligenciam. É, por conseguinte, o motivo de destruição de grandes nomes ao longo da história. Onde estaria Napoleão Bonaparte caso compreendesse melhor esse forte desejo de dominar e poupasse seu exército de suicida missão marchando para Rússia e seu frio mortal? Este sentimento, em diversas proporções, perpassa por todos e, paradoxalmente, é no subsolo que podemos ver raios de luz para nossa tese.

O livro *Memórias do Subsolo* é composto por duas partes: na primeira, o autor dialoga com o leitor falando de suas perspectivas sobre a vida, seu papel no mundo e de algumas frustrações, em uma espécie de monólogo; a segunda parte é propriamente as memórias da personagem onde relata histórias e sentimentos do tempo passado e presente. René Girard nos diz que:

Essa primeira parte é, portanto, bem inferior a continuação. Mas é nela que, infelizmente, que se apoiam quase sempre os críticos quando procuram definir o determinismo e antipsicologismo dostoiévskianos (...) Tais críticos recaem, forçosamente, na eterna divisão que se estabelece entre o pensador e o romancista, sempre em detrimento do segundo Dostoiévski (GIRARD, 2011, p. 49-50)

Novamente observamos o Girard crítico literário em cena, onde exalta o papel do romanesco e sua importância na compreensão da obra dostoiévskiana. Contudo, cabe uma ressalva nessa interpretação de Girard. O autor francês parece renegar a devida importância da primeira parte do romance, mas esta vem a servir tal como uma espécie de entrada para um bom prato em um restaurante cinco estrelas em algum local perto da Champs-Élysées, isto é, essa parte não diminui a superior complexidade das tramas de um romance, mas o enriquece e auxilia nesse processo de interpretar a vida através da literatura.

O homem do subsolo, nosso personagem, sem nome, mas com grande significado para a análise girardiana da representação do desejo mimético no universo romanesco, em um primeiro momento demonstra-se um ser sem grandes ambições, onde o ócio e a solidão parecem embebedá-lo de satisfação. Essa poderia ser uma leitura apressada e superficial dos casos apresentados no romance. Ao percebermos nas *Memórias* que o personagem possui um profundo desejo por algo é, em vista disso, onde nota-se um dos primeiros pontos de demonstração de como o desejo metafísico perpassa por outros sentimentos e causam sucessivas crises miméticas⁶, a cobiça é uma dessas consequências. O herói de *Memórias* é um ser que cobiça demasiadamente, muitas vezes constringendo a si mesmo no processo, tal como veremos a seguir.

“Praticava a libertinagem solitariamente (...) às ocultas, de modo assustado, sujo, imbuído da vergonha que não me deixava nos momentos mais asquerosos e que até chegava, nesses momentos, à maldição” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 62). A busca do personagem pela vida noturna e suas particularidades demonstra uma ambição pelo erro. O personagem do subsolo dostoiévskiano não cobiça mais sonhos de ser um exímio galanteador ou ter a maior das propriedades de um bairro luxuoso. Há pontos no desejo humano em que os sentidos se invertem e são nessas fugas da lógica do mundo que, precisamente, conseguimos notar como a presença de um mediador, de um modelo

⁶ “O dinamismo do desejo é, portanto, o de uma crise mimética desmultiplicada, nos indivíduos e na história. O desejo é a própria crise mimética, a rivalidade aguda em relação ao outro, em todas as atividades ditas “privadas”, que vão do erotismo à ambição profissional ou intelectual (...) Essa lógica governa não apenas o desejo, mas as interpretações do desejo em nosso universo, sejam elas psicológicas, poéticas, psicanálticas etc.” (GIRARD, 2008, p.338-339).

utilizado pelo sujeito como espelho para tomar atitudes em sua vida, é uma forma de mudar completamente atitudes cotidianas do personagem. No trecho acima o herói do subsolo busca desesperadamente a presença de alguém para ser sua referência, não obstante procura os lugares sujos e obscenos – o subsolo revela-se com maior clareza nessas situações – desse modo, a verdade romanesca apenas se estabelece com esse modelo.

Há trechos de sucessiva demonstração dessa cobiça no subsolo, a escrita de Dostoiévski nos leva a esse entendimento onde se vale do seu gênio em expressar tais efeitos. Para Girard (2009) as variações das técnicas romanescas dependem basicamente do desejo metafísico, onde elas são funcionais, ou seja, os caminhos são sempre diferentes, pois as ilusões são também sempre diversas, mas o fim é o mesmo: é a revelação do desejo metafísico. Cascudo (2016) consegue vislumbrar um pouco dessa questão ao expressar a cobiça como um dos males e, implicitamente, consequências do subsolo ao relacionar o instinto aquisitivo com outros sentimentos:

Estes — soberba, avareza, impureza, ira, gula, inveja, preguiça — podem explicar-se como resultados claros de desequilíbrio endócrínico, tendo base comum e única no instinto aquisitivo insatisfeito, recalcado, envenenando gestos e ações subsequentes, como a podridão lançada à fonte enodoa todas as águas vivas da corrente. (CASCUDO, 2016, p. 182)

Portanto, surgem de um mesmo núcleo várias situações sentimentais que influenciam nas tramas e comportamentos dos personagens de uma obra. Observemos como o homem do subsolo lida com Liza, uma jovem prostituta que acabara de entrar para uma “casa de modas”, onde funcionava vendendo roupas pela manhã e de noite era um prostíbulo para pessoas recomendadas. Um diálogo demasiado curioso ocorre entre os dois:

O pai sempre ama as filhas mais do que a mãe. Para muitas moças, viver em casa é um alegria! Eu, se tivesse uma filha, creio que nem a casaria. - Como assim? – perguntou ela, com um ligeiro sorriso. - Teria ciúme, juro por Deus. Ora, poderia ela beijar um estranho? Como poderia amar um outro mais do que o próprio pai? É penoso até imaginar isto. Está claro que tudo isto é um absurdo; está claro que, por fim, cada um acaba sendo razoável. Mas eu, creio, antes de entregá-la, ia torturar-me com esta preocupação: rejeitaria os noivos um a um. Mas, apesar de tudo, acabaria casando-a com aquele que ela própria amasse. (DOSTOIESVSKI, 2000, p.110)

Ora, mas que inacreditável motivação é esta? Que inexplicável júbilo é esse que o homem do subsolo sente ao falar da vontade em possuir uma filha? Ao longo de toda a narrativa parece impensável um homem com tantas chagas no coração aspirar em colocar no mundo mais um ser humano, de colocá-lo frente às lamúrias, lamentações,

mesquinhas que aquela sociedade provocava para muitos, principalmente para alguém que viesse do seu sangue. As frases proferidas no diálogo com Liza representam uma parte do desejo mimético que, tal qual a foz de um rio, deságua na cobiça, essa confusão entre a água doce e salgada é a representação da confusão que o personagem remete o leitor, mas que se não desviarmos do foco, que é o desejo metafísico, conseguimos vislumbrar que essa cobiça momentânea em possuir uma filha é a solução da equação.

Percebemos o seu frenesi ao questionar “Ora, poderia ela beijar um estranho?”, o estranho para ele é sempre um estranho, não questiona o fato de que o rapaz beijado é íntimo da garota, minimamente. Não o faz porque a cobiça o cega por alguns instantes, está embriagado com a negação de posse daquilo que não existe, mas que é seu de todas as formas, não pode ser diferente. O que coaduna com pensamento de Girard (2009) onde o subsolo é a imagem invertida da verdade metafísica. Essa imagem vai ficando cada vez mais nítida à medida que vamos afundando no abismo e que é possível ocorrer confusões entre o romancista e sua personagem, mas uma leitura compenetrada ajuda a evitar confusões.

3.2 HONRA E HUMILHAÇÃO

Na primeira parte da narrativa, o homem do subsolo em um de seus frenesis nos apresenta o que ele considera belo e sublime⁷, usando a expressão para identificar questões de uma visão do mundo que represente essa verdade. Por ter essa verdade estabelecida que apenas ele conhece, muitas vezes toma decisões que o colocam em situações delicadas quando se submete a conviver com outros e estabelecer relações interpessoais, pois: “todos os indivíduos subterrâneos creem-se tanto mais “únicos” quanto mais são, de fato, parecidos” (GIRARD, 2011, p. 52). Nessas desavenças ocorre cada vez mais a perda de um já frágil senso de personalidade⁸ do herói romanesco, essa imperceptível perda gera consequências curiosas no processo narrativo do romance, que demonstra uma enorme sensibilidade do desejo mimético e sua relação com o âmago humano. Portanto, nos cabe analisar e investigar pormenores de como o subsolo por

⁷ Faz referência a obra de Kant, *Observação sobre os sentimentos do belo e sublime* (1764). O sublime se apresenta no espírito de cada um, relacionando-se com o tamanho superior, enquanto o belo carrega a harmonia, estando presentes nos objetos do mundo, encantando e admirando os seres.

⁸ “O processo de “despersonalização” sofrido pela massa dos funcionários subalternos é tanto mais rápido, eficaz e dissimulado quanto mais se confunde com as rivalidades ferozes mas estereis engendradas pelo sistema. Os indivíduos constantemente contrapostos uns aos outros não podem compreender que sua personalidade concreta está a ponto de se dissolver” (GIRARD, 2011, p.53)

muitas vezes humilha, não a fim de pisar no personagem, mas o faz descer a níveis de atitudes desesperadas em busca da comprovação do seu belo e sublime.

Tzvetan Todorov (2009) atesta uma reflexão onde afirma categoricamente que não pode dispensar as narrativas dos romancistas, pois são elas que o permitem dar forma aos sentimentos que experimenta, ordenar o fluxo de pequenos eventos que constituem a vida, fazem sonhar, tremer de inquietude ou se desesperar. O autor demonstra no texto exemplos de passagens de romances onde expõe o seu processo catártico: “Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.” (TODOROV, 2009, p. 76) e é esse “a partir de dentro” que encanta e muitas vezes é um desafio e motivo de júbilo para um escritor conseguir tal feito. Girard (2009) examina que para rir com Dostoiévski, é preciso superar as fascinações românticas, sendo necessário compreender que é o desejo e unicamente o desejo que retém o homem do subsolo na sala de banquete, tal sala está disposta na passagem das *Memórias*, onde nosso herói convida a si mesmo para um jantar de despedida de um velho conhecido dos tempos de escola: Zvierkóv. O primeiro ponto que consideramos é a sucessiva onda de “rebaixamento de si próprio” do homem do subsolo, o autoconvite é realizado em uma visita inesperada a um dos antigos colegas, que se demonstra incomodado com a possível presença dele por lá, visto que o nosso herói e Zvierkóv já tinham tido intrigas no passado e ao ser questionado sobre esse fato ele logo responde: “– Creio que ninguém tem o direito de julgar isto – repliquei com a voz trêmula, como se tivesse acontecido Deus sabe o quê” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 79). A voz trêmula é o indicativo do inconsciente do personagem, é a perda das faculdades sociais, nem o próprio compreende o que faz e, talvez, muito de nós ache ridículo e não consigamos rir dessa situação, mas à luz do desejo mimético, a passagem tem uma pitada de humor, essa busca incessante em rebaixar-se é a revelação de nós mesmos nos escritos dostoiievskianos, é romanesco o que Todorov considera a revelação do mundo, pois:

Não sabemos rir com Dostoiévski, pois não sabemos rir de nós mesmos. Muita gente cultua hoje *Memórias dos Subsolo* sem sequer desconfiar que está exumando a caricatura genial de si mesma, escrita há quase um século. (GIRARD, 2009, p. 293)

Girard obviamente não fala em grandiosas gargalhadas ao se ler um romance do escritor russo, mas sim daquele leve sorriso ao canto dos lábios com uma breve soltada

de ar pelo nariz, onde é possível através das tramas do romance, perceber o funcionamento do desejo, neste ponto mora o humor do homem do subsolo.

A noção de honra é subjetiva para muitos, depende da localidade e quais aspectos são levados em consideração para determinar o que é honrado ou não, seja levando em conta a cultura, fatores econômicos e /ou sociais, todavia, conseguimos perceber pelas reações de certas pessoas ou personagem quando sua honra está sendo “lavada” ou destruída, as reações físicas (descritas ou vistas) nos auxiliam nessa percepção.

Cada passo do nosso personagem rumo ao jantar de despedida de Zvierkóv é um passo em falso onde o mesmo cambaleia e desce mais fundo em busca do seu desgaste, logo na preparação ele pensa que não pode ser o primeiro a chegar e analisa suas vestimentas, até considera não ir, contudo, o desejo pelo seu mediador é demasiadamente gritante “Pelo contrário, eu queria apaixonadamente demonstrar a toda aquela “cambada” que eu não era de modo algum o medroso que eu mesmo imaginava ser” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.84). O próprio personagem, ao se ver como medroso, reconhece sua condição de não possuir o belo e sublime de que ele mesmo fala, mas ainda há algo que o impede de responder a razão, há uma força que o impele rumo aos seus objetivos secretos, ora “é evidentemente o orgulho, esse primeiro motor psicológico, e também metafísico, que governa todas as manifestações individuais e coletivas da vida subterrânea” (GIRARD, 2011, p. 55) eis um dos grande pontos do desejo e da obra russa, é o orgulho que dá cor e tom para o dois em um, ou seja, é o mesmo herói que luta internamente contra o suas vontades, mas é sucessivamente vencido por si mesmo. Há duas vontades em um mesmo sujeito, uma clara dissimulação do desejo.

O herói do subsolo é, ao mesmo tempo, o herói “sonhador” e lírico das obras sentimentais, assim como o pequeno funcionário intrigante e ridículo das obras grotescas As duas metades da consciência do subsolo reuniram-se (...) Essas duas metades dominam, alternadamente, a personalidade do infeliz herói, determinando o que os médicos denominariam seu temperamento cíclico. (GIRARD, 2011, p. 58)

A racionalidade do mundo moderno é vencida por um enorme orgulho que arrebatava os personagens romanescos, indo de Cervantes, passando por Proust e Stendhal e desaguando nos romances de dostoiévskianos.

A trama do homem do subsolo e o jantar maldito continuam a expor as verdades do seu ser. É ao chegar ao restaurante selecionado que ele logo percebe que o horário marcado tinha sido adiado em uma hora, mas já não passa pela sua mente ir embora,

está embriagado em seu orgulho, a narrativa caminha e demonstra ponto a ponto do jantar a fragilidade do nosso herói. Ele exaspera-se facilmente com piadas e, por vezes, não mais entende porque está ali:

“Meu Deus, será isto companhia para mim?!”, pensava. “E que imbecil me mostrei diante deles!” (...) Os cretinos estão pensando que me fizeram uma honra dando-me um lugar à mesa, mas não compreendem que eu é que lhes concedo essa honra! Emagreceu! A roupa! Oh, malditas calças! (...) “Vou-me embora neste instante!...” Fiquei, naturalmente. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 90)

Não há mais razão nas ações do herói, ele está à mercê das consequências desse forte desejo que o prende àquela mesa e àquele jantar. A duplicidade está posta, eles sentam-se em uma mesa redonda e quem está a sua frente, como diz o autor, é o seu rival. A figura de Zvierkóv é o que ele mais odeia e ama, nada lhe daria um prazer maior do que ter o reconhecimento e amizade do velho colega que logo iria embora. Contudo, todas as atitudes do nosso amigo subterrâneo não coadunam com essa trama, porém seus pensamentos fervilham da ardente vontade de rir e expor uma boa conversa com seu pretenso rival: “não precisava de nada daquilo, que na verdade eu não queria de modo algum esmagá-los, dominá-los, atraí-los, e que – mesmo que alcançasse este resultado – seria o primeiro a não dar vintém por ele.” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 85), contudo, seu orgulho está esmagado, este homem que se exclui tanta vezes da sociedade, onde preferiu estar recluso, queria naquele instante possuir o manejo social que o seu fascinante mediador possuía, cada vez que abre a boca era repreendido por um dos colegas, mas era Zvierkóv quem o defendia, aquilo era motivo de vergonha para o herói dostoiévskiano. Girard (2011) fala da dialética do orgulho e da humilhação que é onde o gênio do escritor nos revela suas habilidades romanescas, logo o escritor russo é um exímio representante desse artifício, nesse caminho romanescos percebemos as profundezas alcançadas: “Um tal Dostoiévski seria mais puramente ‘literário’ que o Dostoiévski real, mais “moderno” talvez, no sentido que muitos dão hoje a esse termo. Contudo, ele seria menos universal e, sem dúvida, muito menos importante” (GIRARD, 2011, p.63). Portanto, se hoje esse autor tem uma admirável fama, foi porque em um determinado momento da sua carreira, suas obras conseguiram compreender e expressar factualmente certos mecanismos da metafísica do desejo, isto não quer dizer que as obras de sucessos comerciais atinjam todas esse mesmo caminho, mas que, naquilo a que se propôs Fiódor, teve demasiado êxito.

Decerto que honra e humilhação podem não ser boas companheiras para uma pessoa, visto que despertam sentimentos não muito agradáveis, mas é curioso julgar a

ultrapassagem do senso de razoabilidade em determinadas ações, isto é, a ação que certas pessoas – nos romances posta como personagens – têm ao lidar com o acirramento das crises miméticas; a cobiça, por exemplo, citada anteriormente, possui suas consequências, mas o orgulho ferido remete nosso herói do subsolo a situações um tanto quanto delicadas “haveria de lembrar com humilhação e repugnância estes momentos, os mais imundos, ridículos e terríveis de toda minha vida” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.94). Ele admite, após tentativas de autoengano, a sua completa humilhação e, posteriormente, expõe e escuta em bom som: “- Peço-lhe sua amizade, Zvierkóv, eu o ofendi, mas... – Ofendeu? O senho-or? A mi-im! Saiba, prezado senhor, que nunca nem em circunstância alguma o senhor pode me ofender!” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 96). Eis o orgulho que se despedaça, o que sobrar em sua mente era a rivalidade posta, mas até mesmo essa lhe foi negada, é essa dialética do orgulho e da humilhação que Girard cita, essa imensa contradição entre a razão e os sentimentos que assolam o coração do herói romanesco, um conflito originado pela contradição do que é dito e do que é feito. Ora, a ambientação final da cena do jantar apresenta nosso herói encolhido falando sozinho, prometendo acabar com quem lhe humilhara, como se pudesse e tivesse forças, naquele momento, para tal ato de heroísmo. O desejo humano é e pode ser demasiadamente cruel, mas não deixa de ser, sobretudo, verdadeiro. A dissimulação do mesmo é um processo natural para o mundo moderno, acredito. Aceitar e compreender que a espontaneidade é um fenômeno raro nos mostra um longo caminho de diálogos, pesquisas e leituras instigantes para um olhar mais amistoso com o universo mimético.

3.3 EU SOU SOZINHO E ELES SÃO TODOS

“Torturava-me então mais uma circunstância: o fato de que ninguém se parecesse comigo e eu não fosse parecido com ninguém. “Eu sou sozinho e eles são todos”, dizia de mim para mim, e ficava pensativo” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.58). A conjuntura do pensamento romanesco é tal qual um garimpo de pepitas de ouro, procura-se muito para achar pequenas pedras valiosas, a solidão do homem do subsolo é notória pela sua complexidade e ligação imensa com um desejo pulsante que, por vezes, é dissimulado e, em outras ocasiões, é facilmente perceptível. Nosso herói trabalha em uma repartição pública onde cuidava de algumas papeladas. É curioso como descreve a relação com seus colegas de trabalho e sua enorme sinceridade em retratar sentimentos

relativos a uma rotina de egos, estresses e julgamentos. O crítico francês Todorov é preciso ao elucidar um excerto de Richard Rorty: “A leitura de romances, segundo ele, tem menos a ver com a leitura de obras científicas, filosóficas ou políticas do que com outro tipo bem distinto de experiência: a do encontro com outros indivíduos.” (TODOROV, 2009, p. 80), essa sensível experiência de leitura em “encontro com indivíduos” é uma parte importante nos romances, entretanto, percebe-se algo de genial na técnica dostoiévskiana, podemos ter uma outra visão ao notar que ao o herói evitar manter contato com os outros, ao se colocar em uma caixa de “eu sou sozinho”, o próprio, inevitavelmente, torna-se um objeto de estudo. “Não veem que Dostoiévski caçoa de seu herói. *Eu sou sozinho e eles são todos*. A ironia dostoiévskiana brota em fórmulas admiráveis, ela pulveriza as pretensões individualistas” (GIRARD, 2009, p. 293) e é ao pulverizar essas pretensões que percebemos o erro do nosso herói, ele tenta se excluir, mas está inserido em relações de sucessivos processos de mimesis.

“Está claro que não conseguia manter as relações de amizade com os meus colegas (...), separava-me deles cuspiendo e, em virtude da experiência juvenil, deixava até de os cumprimentar, como que rompendo com eles.” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 61). Essa busca pela solidão é uma fase compreensiva na vida do herói romanesco, Gustave Flaubert expõe tal fase em *Madame Bovary* quando a personagem se percebe perto das consequências que o adultério levará em sua vida matrimonial, assim como Stendhal expõe as preferências de Julien Sorel⁹ ao se deleitar isolado em seu cômodo nas aventuras de Napoleão Bonaparte. Todavia, há um lado que humano clama pelo convívio com os seus iguais, o herói subterrâneo relata em sua primeira “aventura” um acontecimento curioso e que instiga o leitor, ele saía pela noite para praticar a libertinagem e frequentava lugares bem suspeitos. Para analisar um sentimento que fora despertado no herói é preciso compreender a ação que acontecera:

Certa vez, passando à noite junto a uma pequena taverna, vi, por uma janela iluminada, que uns cavalheiros começaram a lutar com tacos de bilhar e que um deles foi posto janela afora. Noutra ocasião, minha sensação teria sido de repugnância; mas, naquele momento, cheguei a invejar o cavalheiro atirado pela janela, e invejei-o a tal ponto que até entrei na taverna e fui para a sala de bilhar, como se quisesse dizer “Quem sabe? Talvez eu brigue também e seja igualmente posto janela afora” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 62)

Assombra pensar como alguém poderia desejar ser colocado janela afora após uma briga e, ainda assim, invejar fielmente o rapaz que tinha sido lançado anteriormente. Essa busca por reconhecimento e participação na vida de outrem revela

⁹ Obra “*O vermelho e o Negro*” publicada pela primeira vez em 1830 conta a história de Julien, onde gastava sua juventude lendo e sonhando com a glória napoleônica.

cada vez mais a enorme mentira de “eu sou sozinho e eles são todos”. O herói do subsolo deseja fervorosamente ser o *Outro*, essa dissimulação realizada pelo personagem convém como uma fantasia de baile de carnaval, onde máscaras são postas visando esconder a real face, Girard diz que Fiódor Dostoiévski “Viu muito bem que o herói do subsolo escolhia sempre uma coisa diversa de seu interesse “verdadeiro”, mas não soube dizer o que ele escolheria nem porque escolheria” (GIRARD, 2011, p. 49). No jantar, que sucede o acontecimento da janela, o personagem vai sempre contra os seus reais desejos, tal como acontece ao buscar a briga, logo após entrar na casa e ir em busca de ser atirado pela janela, ele hesita:

Logo de início, um oficial teve um atrito comigo. Eu estava em pé junto à mesa de bilhar, estorvava a passagem por inadvertência, e ele precisou passar, tomou-me então pelos ombros e, silenciosamente, sem qualquer aviso prévio ou explicação, tirou-me do lugar em que estava, colocou-me em outro e passou por ali, como se nem sequer me notasse (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 63)

“Um atrito”, assim é descrita a passagem do homem que o retirou do lugar para ter passagem, o que se sucede depois desse acontecimento é uma das mais geniais peças descritivas da mente humana do subsolo. Essa passagem não consegue sair da mente do homem do subsolo, para ele aquilo tinha sido um afronte, algo inaceitável, contundido, não reivindicou nenhuma briga para ser posto janela afora, mais uma vez foi contra “seu interesse verdadeiro”, o personagem expõe sem medo a sua própria condição humana. “Sendo o objeto da literatura a sua própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano” (TODOROV, 2009, p. 92-93). Essa condição é relatada com o pontiagudo rancor que permaneceu no peito do herói não por alguns dias ou meses, mas anos! “comecei, aos pouquinhos, a recolher informações sobre aquele oficial (...) fui seguindo os seus passos, até que ele chegasse em casa, e informei-me com o zelador” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 64) está posto uma incrível obsessão para com aquele homem, ele não estava mais sozinho, tinha feito dele seu rival, era com ele que precisava resolver as coisas por aquela insolência, a metafísica do desejo reverbera nas crises miméticas e não esconde mais o sentimento e vontade, é evidente para aquele que já ouviu sobre o funcionamento do desejo que o que está posto é uma sincera reação humana, é a literatura dostoiévskiana agindo de mãos dadas não com a crítica literária ou o que poderia render-lhe mais lucro (apesar da dura condição financeira de Fiódor

durante boa parte de sua vida), mas se vale de técnicas onde o discurso literário não é apenas abstrato.

Afinal, decidi desafiar meu inimigo para um duelo. Compus uma carta linda e atraente, implorando-lhe que se desculpassem perante mim; e, para o caso de uma recusa aludia com bastante firmeza a um duelo. A carta foi escrita de modo que, se o oficial compreendesse um pouco sequer o “belo e sublime”, seguramente viria correndo à minha casa, para se atirar ao meu pescoço e oferecer a sua amizade. E como seria bom! Viveríamos tão bem, como amigos! (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 65)

A que ponto de nefastas consequências a inveja por alguém que foi atirado pela janela pode chegar, estamos sempre embriagados pelo desejo de ser o *Outro*, de ter e possuir as qualidades, seja a oratória, vigor, beleza, malícia que o outro possui, o homem do subsolo que é uma espécie de “stalker” russo do século XVIII, tal como vemos nos dias atuais as mais variadas formas de *mimesis*, seja nas redes sociais em que se compartilham fotos dos melhores momentos de suas vidas e que outros usuários estão no ponto, engatilhados, para julgar, desejar e imitar alguém. Contudo, a carta escrita em momento algum tem a real intenção de convidar o oficial para um combate, ele deseja assimilar a sua amizade e potenciais características protetoras que aquele homem pode lhe conceder. Mais uma vez vemos a menção ao que é belo e sublime, uma caracterização da visão de mundo que apenas os “cultos”, segundo o herói e pretense autor das *Memórias*, nos diz, essa condição de que o oficial precisa conhecer essa condição para ter sua amizade é uma forma de se proteger dos seus interesses verdadeiros.

A incansável obstinação vai para sua prova final, nosso herói então começa a ir diariamente para a Avenida movimentada onde o oficial perseguido passa em meio a uma multidão de pessoas “eu era uma mosca perante todo aquele mundo, mosca vil e desnecessária, mais inteligente, mais culta e mais nobre que todos os demais, está claro, mas uma mosca cedendo sem parar diante de todo” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 66), é estabelecida sua própria metamorfose, ele não pode ser mais um humano no meio de tantos, é uma mosca, mas não uma mosca qualquer, conserva com ele sua literariedade e inteligência, não pode abrir mão do belo e sublime, pois é isto a sua condição para rivalizar com o oficial, aliás, é sozinho e os outros são todos. “O herói quer expressar o orgulho e o sofrimento de ser único, mas acaba atingido um princípio aplicável de modo universal, uma fórmula quase que algébrica em sua anonimidade” (GIRARD, 2009, p. 292) e nessa ausência de denominação, posto que nem seu nome ele nos dá durante a

narrativa, tenta nos convencer de que está distante de seus rivais, mas “O homem do subsolo nunca está mais tão próximo dos Outros do que quando se acredita inteiramente separado deles” (GIRARD, 2009, p. 292).

Decide, então, que encerrará essa história depois de anos, eis o veredito: irá passar ao seu lado e não cederá a passagem como fez diversas vezes, manterá sua obstinação, mas para tal feito, pede emprestado, compra roupas novas, engraxa os sapatos mais de uma vez, enfrenta o chefe da sua repartição e, por fim, quando já tinha desistido se vê pronto para tal ato heroico:

Saí para avenida Niévski, simplesmente com a intenção de ver como ia deixar tudo sem alteração. De chofre, a três passos do meu inimigo, inesperadamente me decidi, franzi o sobrolho e... chocamo-nos com força, ombro a ombro! Não cedi nem um *vierchók* e passei por ele, absolutamente de igual para igual! Ele não se voltou sequer e fingiu não ter visto nada; mas apenas fingiu, estou certo. Guardo esta convicção até hoje! (DOSTOIESVSKI, 2000, p. 69)

A ilusão do herói romanesco ao se ver de igual para igual é admirável. Está claro que o encontro aconteceu, mas a ilusão posta pelo desejo em que o homem do subsolo entende um fingimento por parte do oficial chega a ser hilário. Não é apenas o desejo humano que soluciona a problemática de uma leitura e fazer literário que afasta as obras e leitores da sua estrita relação com o mundo a nossa volta, mas olhando para a obra russa e sua complexidade vislumbramos essa catarse de algo para além da técnica formalista ou estruturalista, Girard (2009) nos lembra que os críticos ao lerem *Memórias do Subsolo* aparentemente não enxergam nem o oficial insolente, nem Zvierkóv, eliminando pura e simplesmente o mediador, as leis do desejo subterrâneo mais explicam a primeira parte do romance em que o homem do subsolo delira em suas reflexões do que as deslegitima. O romance funciona para o desejo mimético como um casulo que o guarda para desabrochar no processo de leitura, em que uma borboleta voa para cima e para baixo tal qual o desejo metafísico que ora está no subsolo e ora se arrisca em camadas mais próximas da superfície literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com nossas observações, são perceptíveis as grandes possibilidades do estudo do desejo mimético. O objetivo deste trabalho foi colocar a análise do desejo mimético e suas consequências como uma proposta de análise literária, visto que, como explica Tzvetan Todorov, a literatura está posta em perigo com a excessiva valorização da linguagem nos seus estudos. O comparecimento da teoria estruturalista neste trabalho teve como propósito assinalar como essa importante corrente da segunda metade do século XX teve um exponencial crescimento e estudo, mas como afirma Souza:

o apego intransitivo ao texto, consequência dessa atitude, acabou vedando acesso a questões da maior importância. Daí o desenvolvimento de novas atitudes metodológicas, cujas análises não pretendem simplesmente desconsiderar o método linguístico, mas partir das insuficiências que ele revela. Tais análises tornam a teoria da literatura permeável a outros métodos de investigação, sobretudo os de base sociológica, antropológica, psicanalítica e histórica. (SOUZA, 2007, p 55-56)

Logo, buscamos contemplar essa nova atitude metodológica ao explicitar o romance como ferramenta literária que dialoga com vários públicos e, não obstante, selecionar a obra *Memórias do Subsolo* que, para Girard, é um ótimo exemplo para demonstrar a sua teoria e aplicá-la situacionalmente. Portanto, ao elencarmos sentimentos tais quais a cobiça e egoísmo, percebemos a profundidade do desejo enquanto elemento central de uma visão literária, pois dele advém a mediação interna que pode atenuar, dissimular ou inflar sentimentos humanos. Nesse sentido, o que seria um passo em busca de aproximar a literatura da vida senão falar das atitudes humanas provocadas por sentimentos pulsantes através de um ardente desejo? Portanto, iniciamos com este trabalho uma caminhada rumo a perguntas que ajudem a iluminar o caminho da mediação interna e, conseqüentemente, do desejo metafísico na literatura.

Se sabemos hoje que dois mais dois são quatro, é por uma visão científica construída anos atrás na experimentação de possibilidades matemáticas, com tentativas e erros, assim sendo, é no curso das possibilidades verossímeis que caminha o desejo mimético no diálogo com as correntes literárias, sendo um farol em construção, ao qual pode guiar os estudiosos da crítica literária.

As análises bibliográficas da obra girardiana, contudo, mostraram-se um exercício que necessita de sucessivas leituras e debates. Compreender o processo de evolução das teorias defendidas pelo crítico é compreender a sua bibliografia; é importante ressaltar que nos valem de um recorte do desejo mimético, Girard em

obras como a *Violência e o Sagrado*, aprofunda o desejo em conceituações onde a violência e o mecanismo do bode expiatório são regidos pelo desejo mimético, o que é uma excepcional análise para conceituações filosóficas, antropológicas e literárias, entretanto, o recorte que fizemos nesse trabalho funciona também para delimitar o entendimento dentro da vasta teoria e pesquisa girardiana.

Diante dessas considerações, notamos que, ao olharmos para o “subsolo” do romance de Dostoiévski percebemos elementos cruciais para contribuir com a noção estruturalista, como diz Eagleton (2006), essa corrente separa totalmente o conteúdo da forma. Então, quando lemos o jantar que ocorre no romance sob a ótica de um desejo mimético é, pois, para comprovar a sensível influência desse elemento em ações que, como outra visão teórica – fenomenológica, formalista ou estruturalista, por exemplo – não seriam capazes de notar que o herói do subsolo age no plano da narrativa contrariando a si mesmo justamente pela presença constante de um elemento metafísico. Comprendemos que nos estágios agudos da mediação interna nem sempre consegue-se notar a presença de um mediador e objeto desejado, pelas intensas crises miméticas; portanto, esta pesquisa foi um primeiro degrau para fazer um paralelo teórico entre René Girard, crítico literário, e a tese de Tzvetan Todorov; situar a importância da teoria da literatura e, por fim, esmiuçar alguns conceitos da obra de Girard em um romance que compõe o universo romanesco.

Desta maneira, o mito de um desejo autônomo precisa ser explicado e demonstrado como inconsistente, tanto nas academias, como para o leitor em geral, visto que só se pode alcançar os estágios mais agudos da mediação interna sob a influência de um mediador. Estudar e questionar a obra de René Girard e o lugar da sua teoria mimética no cânone literário é um exercício que contrasta com “verdades” inquestionáveis até então.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Ivo Stoniolo e Euclides Martins Balancin. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Civilização e Cultura — Pesquisas e Notas de Etnografia Geral**. São Paulo: Global, 2016.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo**. Tradução, prefácio e notas de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O eterno marido**. Tradução de Nina Guerra e Filipe Guerra. Lisboa: Presença, 2001.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução de Waltensir Outra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GIRARD, René. **A crítica no subsolo**. Tradução de Martha Gambini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. Tradução de Martha Conceição Gambini. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

GIRARD, René. **Coisas ocultas desde a fundação do mundo: a revelação destruidora do mecanismo vitimário**. Tradução de Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GIRARD, René. **Dostoiévski: do duplo à unidade**. Tradução de Roberto Mallet. São Paulo: É Realizações, 2011.

GIRARD, René. **Mentira romântica e verdade romanesca**. Tradução de Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2009.

KIRWAN, Michael. **Teoria mimética – Conceitos fundamentais**. São Paulo: É Realizações, 2015.

MELO C. V. **O Lugar do Romance na Literatura Brasileira.** Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 69. 2010.

SOUZA, Roberto Acizelo Quelha de. **Teoria da literatura.** São Paulo: Ática, 2007.

TODOROV, Tzvetan, 1970. **As estruturas narrativas.** Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **Forma e sentido contemporâneo.** Poesia/Produção e direção geral, Gil Lopes; direção e curadoria, Antonio Cicero. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.